

Trasatlántico. I Encontro de escritores na *Finis Terrae*
Santiago-Muros, 26-27 de xuño de 1998

Presentación

Escribir (n)o futuro:
Tarefas da literatura ante o novo milenio

Vivimos mergullados na efervescencia das novidades tecnolóxicas. A auto-proclamada revolución dixital chega ata nós chea de berros e ruídos que, nas súas vertentes máis apocalípticas, anuncian a transformación da nosa sociedade e da nosa cultura mercé ó xurdimento dun novo sistema social e cultural, de alcance global, no que, como ten sinalado Manuel Castells, todo pasa a estruturarse arredor da oposición bipolar entre a rede e o eu. Os organizadores do I Encontro de Escritores Trasatlántico* aceptaron de boa gana este reto cáseque milenarista e propuxeron aos asistentes tres eixos de traballo: 1) o futuro do libro (novos soportes para o texto literario); 2) a morte do autor e o papel do lector (intervención e manipulación); e 3) a función e sentido da escritura na fin do milenio (aspectos éticos e morais). Os artigos aquí recollidos dan conta de parte da reflexión levada a cabo en Muros. Non están todos, pero as intervencións que hoxe publicamos son boa mostra do traballo realizado. Nelas atopará o lector noticia, en primeiro lugar, da irrupción dun concepto de literatura interactiva e, se me permite, hipertextual, una nova (¿?) forma de escritura que xoga en contra da

(*) O I Encontro Trasatlántico celebrouse en Louro (Muros) o 26 e 27 de xullo de 1998, coa presenza de X. M. Álvarez Cáccamo, F. Alvim, C. Casares, L. A. de Cuenca, R. Dans, Y. Frateschi Vieira, M. H. Monteiro, L. Jorge, J. Juaristi, G. Martín Garzo, J. de Melo, J. J. Millás, M. A. Murado, E. Osorio, M. de Palol, C. Pato, M. Pesarrodona, M. Rivas, E. R. Ruibal, G. Suárez, J. Talens e H. Vázquez Rial. No Comité Organizador figuraban os profesores da Universidade de Santiago A. Abuín (secretario), J. M. González Herrán, J. C. Quiroga, X. L. Rodríguez e A. Tarrío. O Director, Suso de Toro, explicaba no programa o espírito do encontro con estas palabras: "Trasatlántico é o lugar de reencontro dos escritores das literaturas peninsulares, unha nave de boa veciñanza e diálogo. Quere ser o adianto dunha verdadeira cultura ibérica, un país que non está acoutado por alfándegas e que tentará de aproveitar as grandes posibilidades de estar no mundo que nos dá a forza das poboacións peninsulares, americanas e africanas que falan as linguas ibéricas. É seguro, pode haber un grande espacio cultural no planeta se saltamos por riba das fronteiras".

TRASATLÁNTICO

ENCUENTRO DE ESCRITORES NA FINIS TERRAE

SANTIAGO - MUROS, 25 - 28 DE XUÑO 1993



autoridade do autor para converter o lector en intérprete promiscuo e creador dun texto aberto, conectado ata o infinito a outras mensaxes e glosas en evolución constante, un texto de textos (literarios, pero tamén fotográficos, fílmicos, pictóricos ou musicais), o Libro dos Libros co que soñara Mallarmé. O futuro do libro en papel vese ameazado polos avances electrónicos que substitúen o *homo typographicus* polo *homo videns*. O dilema para os escritores, na miña opinión, é claro: non participar nestes avances ou xogar a fondo cambiando a súa aproximación aos feitos literarios. No segundo caso unha posíbel creación 'ciberespacial' verase abocada a experimentos formais (como o da ficción intertextual) non moi lonxanos, seguramente, do espírito vangardista, que profundarán sen dúbida na definición intertextual do literario, na idea de literatura como palimpsesto, na necesidade dunha nova apropiación do sentido. Non

quero deixar de citar aquí a existencia no noso país dalgún formidábel esforzo de incorporación ás novas tecnoloxías, como o protagonizado por Gonzalo Navaza e a súa páxina Web titulada a modo de palíndromo "E ti o navío na noiva noite" (<http://www.ctv.es/USERS/gnavaza/>).

A consabida globalización ou mundialización foi outros dos temas de debate, abordado dende unha perspectiva peninsular, sobre todo no que se refire á necesidade de supervivencia da comunicación individual e local. Se a transnacionalización é un feito indubidábel, se existe cada vez un fluxo global, incesante e directo, de cultura e de significados, ¿cal será o lugar reservado para o encontro, para a proximidade, para o privado?, ¿cal a tarefa das literaturas minoritarias, emerxentes ou periféricas? Esta é unha cuestión sen resposta segura nestas páxinas, pero son moitos os creadores embarcados que apostaron polo predominio do local fronte á perda cultural que poden supoñer as tecnoloxías.

Ante a posíbel apocalipse da literatura, ante a fin do suxeito que aínda é quen de ler libros, os protagonistas opuxeron en Muros o optimismo narcisista do seu testemuño. A literatura continúa a ser imprescindible alí onde as voces da individualidade (e da periferia) resisten para facer fronte á universalización (L. Jorge). A literatura é o último reducto da liberdade, porque só precisamos dun bolígrafo e dunha estilográfica para emprender un acto de liberación creadora (G. Suárez). Non importa o medio: non hai cultura do libro, senón do texto (H. Vázquez Rial). O importante é o texto, e non o soporte; o importante é contar historias (L. A. de Cuenca). Non estamos nun momento crucial: o papel do escritor será o mesmo de sempre (M. A. Murado). Aqueles que profetizaron a desaparición do autor (e do

libro) xa morreron (J. de Melo). A escritura aspira compulsivamente a facilitar o autoconhecimento do individuo (E. Osorio). Ademais, sempre nos quedará o rock, a verdadeira poesía do noso tempo (M. Rivas).

Acabo de ler nun xornal a aparición no mercado dun libro electrónico (*Everybook EB Dedicated Reader*), de reducido tamaño e peso lixeiro, que dá acceso a medio millón de páxinas da mellor literatura mundial. Xa o sabiamos. Borges sempre tiña razón.

Anxo Abuín González
Universidade de Santiago de Compostela

Reflexões sobre a literatura na fronteira do novo milênio

Gostaria que as minhas reflexões fossem colocadas contra o pano de fundo de uma citação de e.e. cummings - a frase que encerra o prefácio a *New Poems* (1938): “Always the beautiful answer who asks a more beautiful question.”

Pensei em abordar o tema proposto para o encontro da perspectiva que está mais próxima das minhas atividades, ou seja, de setores dos sistemas literários como a crítica, o ensaio, o ensino da literatura, e a partir da minha experiência de brasileira que se tem dedicado à literatura portuguesa e à galega.

Antes de iniciar, porém, e com o propósito de situar-me historicamente, faço uma ressalva à ênfase que aqui colocamos num marco cronológico como o início do milênio - porque julgo que essa fronteira deixou de ter um significado simbólico pleno na nossa cultura, como o teve a passagem do primeiro, e porque limita o momento histórico atual a um ponto do calendário cristão, reduzindo-nos, logo à partida, a um ponto de vista condicionado pela visão ocidental.

Já se tornou um lugar comum descrever esta nossa época como aquela que assistiu à morte de vários mitos e utopias e que se encaminha para a globalização da economia e da informação. Se aceitamos como descritivamente adequada essa caracterização, temos também que nos perguntar para que segmentos da população mundial o é, que conseqüências traz para a cultura e a literatura desses setores, e no caso de não o ser para todos, se dispomos de modelos alternativos viáveis.

Especificamente, pergunto-me se num eventual sistema literário globalizante e circulando no chamado “espaço cibernético” (e digo eventual, mas a verdade é que já existe um tal sistema, com características como a desimportância do conceito de autor, o emprego do plágio como um procedimento aceitável de composição, etc.) haverá lugar -e qual será ele- para literaturas minoritárias, e para literaturas em línguas minoritárias (pensando aqui no caso do galego ou do euskera, embora o galego não seja propriamente uma língua minoritária, tendo em vista o número de pessoas que o falam, nas suas muitas variedades, aquém e além fronteiras). É óbvio que a definição de uma língua como minoritária não passa

apenas pelo número de pessoas que a falam, mas principalmente pela importância econômica e política do grupo, ou grupos, que nela se expressam, dentro do conjunto das nações. Nesse sentido, também a literatura portuguesa e mesmo a brasileira seriam minoritárias no espaço cibernético. O suporte não é indiferente, principalmente no caso da informática, tão vinculada ao desenvolvimento da tecnologia. Parece inevitável que grandes segmentos da população fiquem cada vez mais à margem desse circuito, quer porque usem uma língua minoritária, quer porque pertençam a zonas do globo que mal chegaram à era de Gutenberg.

Talvez devêssemos refletir sobre a globalização também a partir de uma outra perspectiva, ou seja, a da descompartimentação do conhecimento, a da transdisciplinaridade. Num universo assim concebido, caem as fronteiras que separam o sujeito do objeto, e as diferentes ciências entre si, e nasce um conhecimento que “sendo total, é também local”, nas palavras de Boaventura de Sousa Santos (*Um discurso sobre as ciências*, 1997, p. 47). Um tipo de conhecimento como esse tenderia a recuperar o tempo histórico local, em contraposição à morte da história provocada pela instantaneidade na transmissão da informação. Os estudos literários caminhariam no sentido contrário ao da especialização científica isolacionista e poderiam assumir inclusive um costado criador, em relação ao texto literário, com o qual dialogariam em igualdade de posição discursiva, mas com um ponto de vista rigorosamente individualizado.

Apesar das restrições que fiz até agora, não tenho uma visão apocalíptica quanto ao futuro do que hoje chamamos literatura, diante das novas tendências vinculadas a um suporte distinto, pois julgo que continuará a existir uma forma comparável à que conhecemos; entretanto, fatalmente se interrelacionarão essas produções e é preciso levar em conta a existência do novo suporte e as suas implicações. Exemplos passados ilustram bem a simbiose de diversas linguagens artísticas e de diferentes suportes: o caso do romance e suas fortes relações com o jornalismo do século XIX, ou a adaptação de técnicas cinematográficas na narrativa contemporânea.

Para terminar essas muito breves observações, volto à citação de cummings: essa frase vinha-me à cabeça, cada vez que pensava em abordar a questão-tema deste encontro, e interessava-me não só pela inversão que introduz na imagem tradicional do processo da busca de conhecimento, mas também pela maneira como eu a tinha encontrado: li-a pela primeira vez, não no Prefácio de *New Poems*, mas num romance policial de um dos meus autores favoritos no gênero: Lawrence Sanders. Embora já tivesse lido e.e. cummings - tenho que afirmar isso aqui para salvaguardar a minha imagem profissional - foi nesse romance que conheci a citação. Depois é que fui procurá-la nos *Complete Poems* (1913-1962), para poder referi-la segundo a praxe.

Penso que isso ilustra as nossas diversas vias de acesso à literatura, nem sempre ortodoxamente acadêmicas e compartimentadas, como os professores gostamos que os outros a percebam, mas passando muitas vezes por atalhos, fragmentos, formas não canônicas, etc. Não endosso a total relatividade de valores que uma visão redutoramente descanonizada da literatura preferiria, mas manter a cabeça aberta e livre para esse contacto heterodoxo parece-me salutar para o futuro da espécie literária. Essa abertura permitir-nos-ia, sim, uma visão mais ampla,

menos elitizada e mais completa dos sistemas e da sua dinâmica, mas constituiria sempre, sem que isso se transforme no único propósito da leitura de um “subgênero” ou de acesso a uma obra transferida, um potencial de experiência literária mais íntegra e vital.

Yara Frateschi Vieira

Tarefas da literatura na fin de milenio

Sou mais inclinado a pensar sobre o passado do que sobre o futuro. Também não estou muito certo se à literatura cabe cumprir uma ou mais tarefas - palavra de sentido talvez demasiado programático, voluntarista. Identifico-me mais com a percepção dos que sentem a criação como algo semelhante ao sonho, um sonhar acordado.

Atividade que pode até valer-se da realidade para produzir respostas que, a meu ver, serão tanto mais eficazes, literariamente consideradas, quanto mais livres e distanciadas do universo das intencionalidades, ainda que o escritor - e esses casos configuram um paradoxo (aí está Brecht) - busque deliberadamente um compromisso; quando menos, um resultado.

Feita a ressalva, digamos que a tarefa da literatura, daqui para frente, seria, primeiro, a de não perder o sentido e a grandeza que lhe vieram do passado; e, segundo, que pudéssemos, por absurdo, atribuir a essa tarefa uma única finalidade: a de ensinar; mas –abusando dos paradoxos– um ensinar muito especial: que fosse essencialmente um desaprender. Recorro a seis poetas e um prosador (cuja prosa figurei em versos livres) de meu país para tentar provar esta tese, que sou o primeiro a reconhecer como insubsistente. As citações começam com um grande poeta do século XVIII e terminam com Machado, considerado o maior escritor brasileiro. Entre os dois, alguns contemporâneos.

Assim, a literatura ensinaria, entre outras coisas:

-Doçura:

Destes penhascos fez a natureza
o berço em que nasci: oh quem cuidara
que entre penhas tão duras se criara
uma alma terna, um peito sem dureza!

(Cáudio Manuel da Costa)

-A ter juízo:

Uma opinião
apoiada em baionetas
degenera em bobagem
se a gente deixar
a barriga na frente

(Zuca Sardan) 91

-Privacy familiar:
Mais um berro histérico
e mato um
(Charles)

-Irresponsabilidade:
Soprou uma brisa irresponsável
e vim te ver
(Ronaldo Bastos)

-O invisível:
lançando uma tenuíssima aparência
ao engano de ser entretecida
a cor, refluindo, é vã sobrevivência.

Mal se anuncia em tons, e apenas crível
na remontante fuga da subida
demora azul, refeita de invisível.
(Maria Ângela Alvim)

-O visível:
Não se ouve mais o vozerio, as intermitências
ou batidas de martelos, pregos,
alguém que lixa uma tábua.
Estou um instante só na sala.
Batalhei para fechar a janela.
(Vera Pedrosa)

-Erguer barricadas, cavar trincheiras:
BRAZ CUBAS
-Ai nhonhô
-Cala a boca besta
BRAZ CUBAS
Marcela teve primeiro
um silêncio indignado
depois fez um gesto magnífico
tentou atirar o colar à rua.
Eu retive-lhe o braço;
pedi-lhe muito
que não me fizesse tal desfeita
que ficasse com a jóia.
Sorriu e ficou.
(Machado de Assis)

Francisco Alvim

A Literatura no fim do milénio

De todas as vezes que me perguntam por que motivo ou razão escrevo, acontece que ou não sei o que deva responder, ou então que nunca dou a mesma resposta (e muito menos uma resposta única) a essa pergunta. Quem não conhece as tristes e tão absurdas respostas dos escritores ao questionário dos magazines literários? Eu mesmo disse um dia numa crónica: “Escrevo para fazer a diferença do

mundo” –o que não deixa de ser ridículo quando aplicado ao caso específico da Literatura. Noutra ocasião, a minha perspectiva era mais íntima e pessoal: “Escrevo para que em mim a ideia do tempo esteja sempre acima e vá além da noite e do dia; para ser, ao cimo do tempo, uma voz à escuta que espera a sua vez de falar; escrevo com o desejo e a vontade de quem ouviu dizer; escrevo para o repetir. A escrita não é senão o meu exercício de repetição contra a surdez de todos os sentidos: Por isso ela cansa e desanima. Tira-me o ânimo, leva-me a alma. Como sair disto, a tempo de salvar a minha alma?”. Uma pura e inofensiva retórica! Samuel Beckett escrevia “textos para nada”. Fernando Pessoa definia os livros como “papéis pintados de tinta”. Há quem diga que a escrita nada tem a ver com o acto de amar; pelo contrário, só tem a ver com o nosso narcisismo, isto é, com a necessidade de o escritor se fazer amar pelo leitor. Nesse sentido, escrever não seria mais do que um acto multiplicador da paixão - tendo ela um sentido abstracto por parte do escritor, mas sendo real da parte de quem lê. Não é verdade que toda a história da Literatura passa por ser, acima de tudo, uma história da Leitura?

É bom não saber qual seja, no mundo de hoje e sobretudo neste final de milénio, nem o destino nem a finalidade da Literatura. Escrever para nada, embora não signifique “escrever para ninguém”, talvez seja o princípio e o fim de toda a criação literária. Porque nem a Literatura deve ter um “programa” e uma “finalidade”, nem o escritor deve pensar que ainda sirva alguma coisa, além de escrever.

Mas sei que o livro deve regressar ao sentimento e ao imaginário do mundo e dos tempos de hoje. O que o chamado livro literário tem a dizer neste fim de milénio foi já dito e repetido pelos instrumentos comunicativos do mundo contemporâneo. Mas nenhum desses instrumentos nos transmitiu a linguagem criada, a criação de linguagem, a Língua agida e misturada com os sentimentos do Homem, a razão de ser do espírito e das coisas espirituais, a causa do sonho e da esperança, o humanismo mítico do próprio Homem - como só a Literatura o pode e deve fazer: Naturalmente. Por simples imanência literária.

Há muito tempo, neste século da nossa vida comum, que só ouvimos falar de crise. A ideia de crise educou em nós uma espécie de obstinação pessimista que acabou por se confundir com uma atitude do espírito e com uma falsa ideia de cultura. Falaram-nos de crise a propósito de tudo e de nada: das instituições sociais e dos sistemas políticos, da filosofia e da religião, das ideias e das utopias, das artes e das letras - de modo que o século XX ficará na história do Homem não por causa das guerras mundiais e de outras específicas iniquidades, mas como o século do pessimismo e da crise. Onde está o carácter libertador da palavra, essa voz que se dá a quem a não tem nos dias de hoje, à beira do segundo milénio? Tem-no a Literatura, e agora mais do que nunca. Porque só a Literatura acompanha quer os passos perdidos, quer o movimento da passagem do Homem pelo tempo e pelo mundo. Na circunstância desta ascensão de um século para outro, compete à Literatura devolver a esperança do Homem ao Homem, se nele a alegoria da caverna de Platão, a pedra de Sísifo, o bordado de Penélope, o arco de Ulisses, arte e destino supremo de todos nós no próximo milénio e de quem vier depois de nós.

Poema galego

Por João de Melo

Havia un campo de margaridas a caminho
de Finisterra. Em Carnota o monte Pindo
visto da praia encher-se de luz. A cor
do granito, posto que violácea, cobria toda
a rosa do teu corpo. Era mais o feldspato
do que a mica. O quartzo talvez menos
inequívoco lembrou-me a dureza íntima e a
humidade (a humanidade) dos teus ossos.
Deitada sobre o monte Pindo? Em imagem
tudo se pode amar, como o corpo da amada
dando forma ao seu desejo de a ter em mim,
como o som das vagas indo ao extremo de levar
à Galiza inteira as sílabas do teu nome
num campo de margaridas, como esta certeza
próxima e afastada de contigo estar a minha vida.
Que vontade me une tanto a uma outra vontade?
Em essência e em resumo uma coisa a que chamam
saudade, uma pena de penar pela tua ausência
uma outra de júbilo na sabedoria de estares
mais em mim do que eu pelas coisas rodeado.
Veio-me um fogo rasgou em mim o frio avaro
da paisagem. Na Galiza vejo a vida onde batem
a distância a dor e a vontade dos meus olhos.
Digamos que a única incerteza reside na cor
porosa e aérea do meu amor sob a lua. Amo-te
desde a Galiza até ao fim do mar, eu sei.
Mas pudesse eu deitar-me sobre o musgo
e de fetos cobrir os verdes anos a nudez
branca o esplendor insular da minha amada.
Porém só de entre mágoas e penas o mistério
do amor se desvenda. Na Galiza começa o que
em Finisterra acaba: um campo de margaridas
e o que nele me diz que ninguém está comigo.
Procuro o encontro sempre o mar liso imenso
dos teus cabelos. Celebro o dia do amor
na noite que o apaga agora sobre a Galiza.
Fecho os olhos vejo a minha alma,
é onde poisa o anjo que chegou do mar para nela
erguer o sonho e acolher a minha espada.

Complexo de Pompeia

os escritores já não passam dum grupo de gente tresmalhada que se encontra, mais ou menos clandestinamente, em salas secretas e castelos fechados? Ao contrário de antes, quando a Literatura era então o que deveria ser? Será verdade que a mudança de paradigma da civilização está mesmo a acontecer, e os livros literários, os núcleos duros do espírito das Línguas, foram atingidos, ainda não por morte imediata, mas já por doença incurável?

Não há dúvida que sempre que os escritores se encontram e somam o relato do que são os silêncios sobre os livros, em contraste com o rufar dos tambores em torno dos outros objectos vendáveis; sempre que se juntam os testemunhos do pragmatismo político face ao imediato e utilitário, com a suspeita da incapacidade de sobrevivência das fábulas fora do cinema e do audiovisual, a que se acrescenta ainda a desarticulação das editoras, o colapso das livrarias tradicionais, a imposição dos mercados centrais sobre os países periféricos, a incapacidade de admiração pelo que não foi previamente reconhecido nos locais importantes, tudo isso nos conduz a um medo-pânico de que a cidade literária onde vivemos, esta cidade interior feita de livros amados, autores queridos mais que gente viva, estes fios de voz contínuos que constituem uma espécie de ruas fulgurantes de palavras, onde se multiplica a imagem da estante e da biblioteca como nosso espaço de recreio, tudo isso parece um lugar ameaçado por um tremor de terra profundo, um vulcão prestes a arrasar pedra sobre pedra. Uma nuvem sulfurosa ensombra a nossa manhã, uma cinza persistente começa a abaular o nosso telhado. E os jovens, esses para quem pensámos manter aquele espaço de assombro intacto, parecem indiferentes à cidade dessas palavras. Um complexo de Pompeia nos atinge. Sentimo-nos os últimos duma geração que acaba.

No entanto, esta é só metade da realidade.

A outra metade parece ser sentida de modo bem diverso. Não conheço nenhum escritor que, apesar de dever suspeitar que a civilização futura possa fechar as portas aos livros — e entre eles, os primeiros a serem banidos, seriam os literários — não conheço nenhum, dizia, que não continue a encontrar na escrita um meio precioso para apresentar o homem como problema. Para aqueles que, num dado momento da vida, ficaram cativos deste enredo que é a invenção da vida através das palavras, a escrita continua a ser uma obstinação, para não falar de paixão, palavra menos laica e por isso mais perto da liturgia que o escrever envolve.

Estabelece-se, assim, um oxímoro, uma contradição cruzada e irónica, tão mais irónica, quanto são por vezes os escritores mais criativos e irrequietos, não raro os mais férteis e luminosos, precisamente aqueles que mais referem o sentimento da iminente mudança do paradigma civilizacional dentro do qual a Literatura constituía um centro privilegiado de irradiação de Cultura. Como se em cada criador coexistissem comandos distintos e contraditórios que se cruzam sem cessar, potenciando cada um deles o que lhe é oposto. Como se o sentimento de perda iminente fosse fonte da própria criatividade. Como se as melhores parábolas sobre o mundo saíssem da consciência da sua ruína e desencontro, reclamando, fora das suas contingências, a glorificação da beleza.

Aliás, tenho por certo que o rumor que neste momento esconde mas não trucidada a Literatura, tornando-a pontual, e aleatoriamente, mais visível, e mais

imediatamente universal, é apenas um grau notável da mesma contradição que sempre a atingiu, assim como é semelhante ao que sempre foi, na sorte dos livros e dos seus autores, seus sucessos ou apagamentos. Isto é, a natureza das obras é a mesma, a função da inquietação que produz é a mesma, o imperativo da beleza, atrás da qual a Verdade se esconde, continua a ser o mesmo. Cada tempo teve o seu desconforto. Rir-nos-íamos de nós mesmos se pensássemos nas condições em que foram criadas algumas obras do mundo como “Metamorfoses”, “Dom Quixote”, ou “Os Lusíadas” de Camões. Entre nós, portugueses, persegue-nos como exemplo recente, a obra de Pessoa, que em vida só conseguiu reunir em tomo publicável, um único livro, e mesmo assim, com ele, não obteve o único prémio literário que poderia ter tido. E o analfabetismo de noventa por cento, e a mesquinhez do meio, e a indiferença torpe da política cultural de então?

É possível que o desconforto que nos atravessa, neste fim de milénio, seja mais radical, tão radical quanto o que ameaça a face da Terra e Atmosfera, no ponto em que as encontramos quando nascemos. Porém, também a escrita se tornou mais bárbara e radical, mais inquietante, mais nociva e pérfida, porque mais reclamativa. Como Gertrude Stein ditou -seja qual for o acento que se lhe queira atribuir- interessa apenas que sejamos absolutamente contemporâneos, nada mais. A quimera da Literatura continua a ser um animal indomável, feita de várias espécies e feições, escoiceando contra o previsto, o premeditado e o dirigido. Acho, pois, que os rumores do futuro não deveriam amedrontar para além do razoável. Nem tão pouco o ruído do presente. Este presente, em que todos os bens são questionados incluindo a Literatura, é, aliás, profundamente ficcionável. E se pensarmos que Deus é metáfora, o Mundo é metáfora, nós mesmos somos metáfora, sendo a metáfora a matéria-prima do conto e do relato, tudo nos pode inquietar, mas nada nos pode impedir.

Lídia Jorge

Abrir Muros

O I Encontro de Escritores Transatlântico, proporcionou aos seus participantes vários motivos de agrado.

O primeiro foi, sem dúvida, o mergulho na bela terra da Galiza. Muros é um lugar mágico que “agrafa” a terra e o mar. Depois, a sua localização permitiu subir pela costa até à mítica Finisterra. A segunda satisfação foi o privilégio de conhecer pessoalmente a maioria dos participantes. Penso que o resultado destes encontros passa quase sempre ao lado dos debates e das comunicações de cada sessão. O mais positivo são as conversas particulares que favorece. A troca de informações, os laços de amizade que perduram. O posterior envio mútuo de livros e de notícias. Neste aspecto, o encontro de Muros foi exemplar. E foi-o por mérito dos nossos anfitriões. Porque sabiamente souberam apostar na informalidade, na boa disposição. No bem saber receber para que todos se sentissem em casa. Eu por mim, além de ter conquistado uma boa dúzia de amizades, tive ainda a surpresa de descobrir o subtil humor galego. Quanto aos debates propriamente, eles

colocaram em confronto pontos de vista muito díspares. Os participantes provinham, geograficamente, de lugares bastante distintos e revelaram que a globalização ainda anda, felizmente, muito longe do totalitarismo que lhe atribuem. Depois, os géneros de escrita eram distintos. Da dramaturgia à ficção. Do ensaio à poesia. O optimismo alternou muito facilmente com o pessimismo. O lamento com o entusiasmo. Se é verdade que não foi possível retirar uma conclusão de fundo ou sequer que uma ideia magnamente identificadora tenha predominado em todos os debates, não me pareceu grave. Pelo contrário. Apesar das adversidades que cada um dos escritores diz enfrentar, principalmente os poetas e dramaturgos com as pequenas tiragens das suas obras, proclamou-se alto e bom som o prazer e a liberdade inadiável de escrever. Escritores que testemunharam a sua fé na escrita, na vontade de prosseguir a sua obra apesar do temor que, por vezes, invade o lançamento de cada novo livro.

Não me pareceu que as novas tecnologias constituíssem para os escritores a besta do Apocalipse do próximo milénio. Paulatinamente, todos me pareceram aceitá-las com as suas múltiplas possibilidades de abertura ao texto que, este sim, será sempre a matriz, independentemente do suporte, que funcionará sempre mais como o veículo da escrita. Já se vê como foi estimulante este encontro, que, por ter sido o primeiro, talvez tenha esquecido uma certa metodologia tamética e capacidade de síntese.

Todavia, estou certo de que, caso se realize um novo encontro, este irá ganhar com a espontaneidade do primeiro. Circunscreverá seguramente o tema a dois ou três pontos fulcrais evitando a dispersão. E estou também convencido de que incentivará o que de mais positivo nos transmitiu Muros: o convívio. O conhecimento da terra. O diálogo e a troca generosa de ideias e projectos que, deste modo, quem sabe, poderão abrir algumas friestras no milénio que nos aguarda.

Manuel Hermínio Monteiro

Tarefas da literatura na fronteira do novo milenio

O primeiro que habería que establecer é a quen lle preguntamos pola tarefa da literatura: ¿aos escritores?, ¿aos lectores?, ¿aos editores, críticos, académicos, ese complexo de institucións que inflúen e determinan en moitos aspectos esa tarefa? ¿De quen depende hoxe esta tarefa da literatura? ¿dos lectores, dos autores, das necesidades sociais, culturais, económicas?

Non é a noción que ten o escritor sobre si mesmo, nin o que a sociedade atribúe ao seu rol, nin a demanda sobre un tipo de obra que xera determinada constelación histórico-social, nin sequera a presenza activa do lector no proceso literario o que determina a verdade da práctica literaria. A verdade está no escribir. Sabemos que na relación triádica autor-obra-lector as formas foron cambiando, creando sistemas de produción e reprodución de textos diferentes.

Os modos de relación literaria producen non só textos senón tamén relacións cos textos, non só lecturas senón relacións coas lecturas. E un tipo de lectura e de

lector, cando se estabiliza nunha sociedade, é parte das forzas que están presentes na produción das obras literarias.

Toda esta constelación está na nosa obra; non é posíbel, nin desexábel, ignorala. Non podemos pensar no autor dissociado do seu lector, nin illalo do sistema de relacións sociais, ideolóxicas, históricas, nin tampouco ¿por que non dicilo? independente das condicións do mercado no que se produce a súa obra. Sen embargo, prefiro non confundirme neste *mare magnum* e concibir a tarefa da literatura dende o único lugar que lle é absolutamente propio a un autor: o escribir. Aínda que sabemos que a práctica e o sentido da nosa obra, calquera que sexa, non pode dar conta por si nin da produción nin do produto literario, moito menos da “tarefa” da literatura. A tarefa, palabra que non me gusta, é algo que excede o noso lugar. O autor sabe que, aínda que o mundo cambie, e cambien os soportes materiais, os modos de produción, a demanda sobre a obra, as apetencias dos lectores, os requirimentos do mercado editorial, o que non cambiará seguramente nunca, para quen así o sinta, é o desexo de escribir. Ese desexo, esa compulsión, ese “algo” ou “alguén” que nos conmina a escribir está en nós mesmos e non fóra. Esa é a única tarefa que nos é propia: a de escribir. Non só cambian as condicións exteriores, senón tamén nós mesmos ao longo da nosa vida: os nosos gustos, as nosas lecturas, as nosas obsesións, os nosos obxectivos, a nosa concepción da literatura. O que permanece inalterábel é o desexo de escribir: Porque quero dar conta dunha historia que me atravesou, porque quero rirme de todo, porque quero experimentar novas formas de crear, porque quero transgredir, conmovir. Pero á fin, calquera que sexa o motivo que invente en cada soño dunha obra, no fondo, é sempre escribir porque si, porque gozo escribindo.

Hoxe por unha razón, mañá por outra, hoxe dun modo, mañá doutro, o que non cambia é ese desexo de literatura. Como se sempre se amase a mesma persoa, pero se ensaiase con ela novas formas eróticas. A linguaxe como unha pel, rozar co que escribo, tocar, como se tivese dedos nas palabras e palabras nos dedos.

Linguaxe e desexo de escribir. Neles radica a nosa esperanza, a nosa forza, a nosa tarefa fundamental na literatura, na fronteira do novo milenio... e dende sempre.

Elsa Osorio

Máis que nunca

Un artista, un escritor, unha escritora, expresa por medios artísticos a súa subxectividade. Todo o seu mundo nace desa subxectividade e toda a súa forza nace da confianza megalomaniaca no valor da súa subxectividade. Un artista é alguén tan soberbio e inocente que semella estúpido, pensa que ten algo que dicirle á humanidade, que sabe algo do misterio do mundo. No fondo o artista é a forza da precariedade e un escritor é alguén que escribe solitario cun lapis nun papel. Non hai máis.

E sen embargo acreditamos que non cómpre máis, non precisamos doutra cousa e confiamos en que eses riscos no papel son maxia que dá explicación e senso ao vivir.

Non hai dúbida de que a nosa idea do artista baséase na idea romántica do heroe.

¿É posíbel esa idea de arte e de artista no tempo dos medios audiovisuais de comunicación de masas? Xa non o sei. Sei que é precisa, se cadra máis precisa que nunca, mais non sei se é posíbel.

A conciencia na que se basean os “media”, e a que crean nos seus usuarios, é a da instantaneidade, un presente perpetuo e sen memoria. E a literatura é precisamente memoria, a literatura é a memoria da linguaxe. É memoria da experiencia humana e memoria das experiencias trascendentes; sen memoria o presente é incomprensíbel, puro caos. A literatura trata das cousas que permanecen, das que importan; sen conciencia de permanencia a vida é unha experiencia trivial e intrascendente.

Para falar da memoria e do importante fai falta silencio, xusto o que os “media” eliminaron, a súa esencia e a súa natureza é o ruído.

Esta altura da nosa civilización é a da estupefacción da nosa conciencia, non comprendemos como a extensión da civilización nacida da Razón leva a barbarie e a depredación aos territorios que coloniza, o planeta enteiro xa. A miseria do Terceiro Mundo, a prostitución infantil masiva e o Efecto Invernadoiro certifican o triunfo do programa da razón tecnolóxica. E mentres nós estamos abraiados e estupefactos o proceso continúa parece que autonomamente. Non sabemos qué hai que corrixir nin cara a onde ir, os modelos de futuros e utopías esfareláronse, sen embargo a máquina das forzas productivas non se detén e parece non precisar de nós.

E mentres a humanidade fita as pantallas omnipresentes que lles serven racións perpetuas de incidentes sucesivos, estímulos que lles crean ansiedade, medo e desexos, sobre todo desexos, e que non parecen formar algo que teña unha forma recoñecíbel. Os “media” serven de continuo unha ración dunha salchicha que parece non ter fin, dentro acumúlanse todo tipo de contidos.

A vida social toda dáse nos “media”, a economía, a política..., e as artes, dependen deles. Os escritores somos parte dese mundo de imaxes, iconos que circulamos polo interior desa tripa de salchicha virtual. Os nosos libros existen porque a súa existencia é difundida a través dos medios, onde comparecemos opinando e representando o noso papel.

O diálogo íntimo e solitario entre o escritor e o lector a través da letra impresa lida individualmente semella ser un resto dunha tecnoloxía do papel impreso seriamente ameazada. Hoxe a literatura escrita é claramente ancilar, minoritaria e escasamente influínte, subsidiaria ao cinema; quizais o seu papel continúe reducíndose ata esvaecerse. Pode que os escritores acabemos a escribir todos para o cinema, ou guionistas do que pode ser o seguinte paso, experiencias de realidade virtual.

Desde logo que cada vez será máis dificultoso a existencia destas preciosas individualidades nosas, tan narcisistas, nun mundo onde as marcas e os nomes

sobreabondan, no que os productos, os libros son tantos: xa non escribimos para un público nacional, todos escribimos para ser traducidos e competimos todos con todos, competición mundial.

Todo parece ir contra o noso romántico mester. E sen embargo. Sen embargo, canto máis cristaliza e calla este mundo mediático máis se precisa da función da literatura. Máis se precisa da memoria, do relato do mito e do trascendente, do silencio e da catarse emocionada ao parar a ver o terríbel rostro do mundo. Canto máis difícil é que exista a palabra literaria máis precisa é.

Quizais deamos sobrevivido no noso mundo de ruído perpetuo saltando de aquí para alá, dun libro de poemas en papel ou difundido por “internet”, a unha novela ou ao guión dunha película que emocione e conte o necesario. Quizais debamos abandonar concepcións solemnes e instituídas do escritor e poidamos cumprir a nosa tarefa sendo foraxidos emboscados que descargan salvas de palabras cargadas de senso na volta de calquera esquina, de calquera “spot” publicitario. Non o sei. Só sei cando a nosa sociedade máis desconcertada está máis precisa destes megalómanos, pedantes e rosmóns que somos os escritores que axuden a lembrar a orixe, os votos iniciais e o camiño para refundar a moral e o soño humano.

Suso de Toro

Tarefas da literatura na fronteira do milenio

A Literatura, ese río indivisíbel, atravesará a fronteira do milenio sen balbordo catastrofista nin barafunda de falsa exaltación. O previsto colapso cerebral dos ordenadores non vai afectar ao ritmo cardíaco do verso nin alterar o encefalograma do discurso narrativo nin perturbar a dicción da voz escénica. Toda Literatura é actividade fronteiriza, afecta á imprecisión dos límites, gozosa interrogación e desacougante certeza, navegación solitaria sobre un mar de espellos negros e en procura dun eco interminábel.

Esa senlleira e paradóxica paixón de conversa deseña hoxe, contra a cute branca das datas convencionais, algúns perfís de urxente concreción. Os obradoiros secretos da mellor Literatura, instalados a enorme distancia do laboratorio mercantil único, están obrigados a destilar un antídoto furtivo, unha proposta de rebeldía contra os efectos paralizantes da monetaria adición universal. A función estética e ideolóxica das chamadas Literaturas periféricas situadas entre o tellado inestábel dos francotiradores e a buligante cuadrícula do foro (pero, en todo caso, a anos luz da oficina central), pode ser decisiva para o éxito deste incruento combate sen programa.

Xosé María Álvarez Cáccamo

A cultura do libro

Alégrome de que a cuestión, tan tratada nos medios, de se o libro ten futuro ou non, non sexa materia de debate aquí, entre escritores. Creo que todos somos conscientes de que, moi lonxe de estar o libro ou a lectura en perigo, vivimos no mundo dos textos escritos. Somos, máis que nunca, unha cultura do libro, que é un obxecto omnipresente na nosa sociedade. Publícanse máis libros que nunca, en máis linguas que nunca, cunha variedade e unha accesibilidade nunca antes sequera imaxinadas. O que chamamos “novas tecnoloxías” non só non van contra isto, senón que o certifican. Un ordenador é, despois de todo, un soporte de texto. E isto é tamén o que é o libro: un soporte de texto, non o único posíbel, non sempre necesariamente o mellor. Segue sendo máis cómodo ler literatura nun libro: é máis inmediato, é máis vívido, máis directo. En cambio, hai consultas que se realizan mellor valéndose, por exemplo, dun CD-Rom. Todas son lecturas, pero cada lectura especializada require un soporte determinado. Non se contradín, complementáanse. Internet, por exemplo, non é máis que unha Enciclopedia, en moitos sentidos mesmo excesivamente conservadora na súa maneira de agrupar os materiais, e cunha estrutura en árbore que retrotrae a Linneo e ao Iluminismo, e case ao *trivium* e ao *quadrivium*.

Non vivimos, como tantas veces se repite, nunha Era da Imaxe. O home da Idade Media si vivía nela: a relixión, a historia, a ciencia aprendíaa nos tímpanos das igrexas, nos vitrais, na escultura. Nós, mesmo cando miramos imaxes lémolas, cunha orde derivada da orde da lectura (de esquerda a dereita, de arriba a abaixo); e agrupamos esas imaxes nun proceso de sintaxe que medrou da gramática do escrito. Somos unha sociedade alfabetizada, un feito abraiante no que non sempre reparamos. Aínda que, tamén é certo, a alfabetización dista moito de ser un proceso completado (mesmo, paradoxalmente, o número total de persoas que non poden ler nin escribir é cada vez maior, en razón do desigual crecemento demográfico). Aprender a ler é non só un grande logro da Humanidade no seu conxunto, senón que é o maior esforzo intelectual que debemos facer na nosa vida, seguramente. Steinbeck, nun prólogo moi fermoso, lembraba isto e máis tamén que é un esforzo que xustamente temos que facer case ao comezo da nosa vida consciente.

Por isto non só non comparto as teses milenarias sobre o futuro do libro senón que, xa que estamos entre escritores, temo case o contrario: o cárcere de papel que pode chegar a ser o libro para os que o amamos. A sacralización do libro conduce facilmente a esquecer que non todo está nos libros. Porque non todo está nos libros. Na experiencia humana e mesmo na intelectual hai infinidade de cousas que non poden ser confiadas aos textos. Hai algo ameazador nos provistos escaparates das librerías: unha avalancha de información e de experiencias que poden, se non se administran con siso, esmagarnos, roubarnos o noso tempo de vida.

Miguel Anxo Murado

Suxestións e sutilezas

Nunca antes participara nunha terapia de grupo. Tampouco non son amigo da novidade. Mais é aí, a medio camiño entre a singularidade e a reiteración, entre a cordura e a tolemia, onde se desenvolve o noso traballo.

Considérome afortunado. Verme rodeado de escritores aos que admiro, sentirme escoitado, se cadra por primeira vez, é para min un evento histórico e insólito, pero moi gratificante. De corazón. Con todo, confeso que o feito de acudir a esta cita supón tamén un compromiso, unha responsabilidade intuída, da que, ata hai uns días, non era consciente. Nun exercicio que eu cría desembarazado de obrigas, agás a de non poñer *b* onde debo escribir *v*, resulta que perdín algo da miña liberdade.

No primeiro que pensei cando oín o lema destes “Encontros na Finis Terra” foi no Nadal, na noite de Aninovo, concretamente. Un novo milenio, un novo século... Un ano novo, a fin de contas. Vou encher a miña copa de champán, vou meter unha lentella e vou poñer os calzóns vermellos que gardo na mesa de noite. Seica todas esas trapalladas dan sorte. Entón chegoume a carta remitida pola Universidade. Ao lela descubrín, que onde eu entendera *deseños* puña *tarefas*, e onde escoitara *fin* dicía *fronteira*. Nada, que non había xenio; nin sequera lámpada.

Todas e cada unha das palabras que conformaban o epígrafe parecéronme, de súpeto, inaprensíbeis. “Tarefas da Literatura na fronteira do novo milenio”, dixen a media voz. Literatura –un mundo vasto e complexo, onde a lexión de chamados oculta aos elixidos, unha arte e un negocio, prescindindo do cribo do tempo, ¡aquí, agora!, pero... ¿é apropiado falar de LITERATURA en termos de futuro, e mesmo de presente, cando o concepto me remite irremisibelmente ao pasado?–, fronteira –paradoxal; malia que estea aí, no mapa xeográfico e emocional, determinando a nosa derrota, o intanxíbel da súa condición desbarata calquera certeza– e milenio –o 2000, a apocalipse–; “¡menuda terna!”, pensei. Por xunto, cunha imperativa e case ameazante chamada á acción, ao traballo... Sentínme abafado, abatido. ¿Que podo facer eu? Eu, que a penas teño formada unha opinión sobre os grandes temas de actualidade, que ando ás toas as máis das veces, na procura dunha artimaña que dea sentido ás miñas ideas, eu, que case *non me recoñezo no que veño de escribir***.

Eu, colegas, son unicamente o xerme dun autor teatral. Son unha promesa, máis nada. Son novo, pois teño publicado só un par de pezas e fico sen estrear, mais, ao tempo, vou vello. Dóenme os cadrís e resíntome do xeonllo esquerdo. Non é polo clima. É que levo unha vida sexual axitada de máis. Acochado na trincheira do xénero dramático, asisto ás honras fúnebres do libro como á tan cacarexada morte da novela, cun aceno de escepticismo. Mesmo esbozo un sorriso.

(**) *Suxestións e sutilezas* é un discurso interactivo. O texto en cursiva é plaxio ou cita de escritores/directores de escena de sona mundial. Invítovos, oíntes –agora lectores–, a desenmascaralos e, en caso de ofensa, anímovos a botar contas con eles polos seus desatinos (N. do A.).

Intramuros, na soidade da escritura, somos, *a priori*, igualiños. A todos nos move un desexo e unha necesidade: o desexo de acabar canto antes para ir tomar as copas e a necesidade de pagalas. Fóra, no exterior, hai clases. Non quero esaxerar, xa sei que non é premeditado. Que estea no *ranking* en primeira posición a prosa –ficción ou non ficción–, seguida a moita distancia da poesía, e que alá, no máis fondo, estea o teatro, non é anecdótico. Nin premeditado nin anecdótico. O lector de prosa é unha realidade, ¿ou debería dicir comprador? Atreverse coa poesía non é tarefa de heroes. Os libros son pequenos e visten moito, os poemas adoitan ser breves e, pese a ser incomprensíbeis, ás veces riman, e mesmo podes memorizar un par de versos sen esforzo. ¿E o teatro? Só len teatro os actores. Se están no reparto, claro.

A primeira entrevista que a prensa escrita me fixo como escritor de textos teatrais foi telefónica. A segunda tamén. Estou esperando pola terceira, a ver. Aquela primeira entrevista, conféssoo, non partiu do interese do periodista. Tratábase dun coñecido. En realidade, eu a quen coñecía era á muller, e fun eu quen lle suxeriu a posibilidade de, en fin, xa que me premiaran a obra, pois iso, se cadra podía falarlle de min ao seu home e conseguir un oco no periódico onde traballaba... Ao día seguinte soou o teléfono. Que de qué ía a obra, que cántos personaxes tiña, que se estaba satisfeito, que qué supuña o premio mara min... Ao cabo, soltouno. Para el tratábase dunha pregunta máis. A miña resposta consistiu nun simple “non”, que tivo como réplica un “xa” de conmisericación. A pregunta foi: ¿PUBLI-CACHES ALGO DE POESIA? Anos despois, hai uns meses, miña nai, que viña ver as súas netas, miñas fillas, entrou no cuarto onde eu estaba a traballar e parou en silencio ao meu carón. Sentín que miraba para o ordenador, de certo vira reflectida na pantalla, a cal evidenciaba que estaba a escribir un novo texto dramático. Entón espetoume a coitela nas costas: ¿É QUE NUNCA VAS ESCRIBIR UNHA NOVELA?

¿Tamén ti, mamá? Lembrei aquilo de que a personalidade do artista, primeiramente un grito, unha canción, unha ocorrencia, máis tarde unha narración fluída e superficial, chega ao cabo a evaporarse fóra da existencia, a impersonalizarse, por dicilo dalgún xeito. A imaxe estética na forma dramática é só vida purificada dentro da imaxinación humana e reproxeitada por ela. O misterio da estética, como o da creación material, está consumado. De seguido, botei a miña nai da habitación. Fiquei desacougado, matinando no papel da peza dramática como soporte textual do TEATRO. Eu, e desculpade a inmodestia, temén penso que, falando de Teatro, *o verdadeiro creador é o autor, o poeta***, e disgústame que se fale de dramaturgo *se non é no sentido de aquel que escribe dramas***. Con moito, a este respecto, a mellor frase é aquela que di que *o mellor autor é o autor morto***.

¡Abonda!

No dito debería ter xa debuxado as liñas que eu propoño para este debate. Quero rematar achegando algo indiscutíbel, de verdadeira utilidade. Trátase dunha cita. Para ser exactos é unha resposta. Serve para contestar tódalas preguntas sobre a Literatura e sobre a Vida. Tomádea como a máis fonda reflexión sobre as tarefas do escritor na fronteira do novo milenio. É moi breve. Di así: NO SÉ (Ronaldo).

Trasatlántico, encontro de escritores

Se a orde de intervencións segue a de participantes que recibín, a miña está precedida por outras vinte, co que é fácil supoñer que o que acabo de dicir xa fora dito. E aínda pode que tamén fora dito o que dixen na frase anterior, co que non me queda máis por facer que constatar unha vez máis que acaso a literatura sexa iso, a arte de dicir o que xa dixeron os demais. Pero, como sentenciou o sabio, o que conta é como o diga cada un, e ese *como* pode rematar convertido no *qué*, porque as palabras son de todos, pero os individuos, os que hoxe estamos aquí, somos, ou cremos e intentamos ser, cada un el mesmo.

Unha posible conciliación do dilema entre o carácter universalmente narrativo da literatura e a súa exclusiva circunspección á novela e ao conto podería consistir en ligalas ao punto de vista. Se limitamos a mirada ao terreo literario, efectivamente, a poesía non é narrativa, o teatro non é narrativo e o ensaio non é narrativo, sen prexuízo, por suposto, de que calquera poema, peza escénica ou tese poida conter elementos narrativos se ese é o propósito do seu autor, porque ao fin e ao cabo, salvo error ou omisión, diso depende o que vaia ser un texto: da vontade de quen o escribiu.

Pero se situamos a mirada máis lonxe, por riba do feito literario atópase o feito da natureza mesma do pensamento, polo menos do pensamento do individuo occidental. A mente do individuo está suxeita a un lareteo interior continuo dentro do que cada idea, cada desexo, cada sensación se traduce nunha sentencia que xenericamente podemos cualificar de narrativa. A mesma literatura ten reflectido o fenómeno dun xeito que coñecemos como monólogo interior. O budismo estigmatiza radicalmente este lareteo interno e ve nel unha barreira que impide o acceso á percepción profunda da realidade, tras do que inventan diversos procedementos para eliminalo, cousa que, por suposto, non resulta fácil. Deixemos o ioga para outra ocasión.

Máis modestamente, un teórico da arquitectura moi en voga nos anos sesenta e hoxe practicamente no olvido, Chris Alexander, tentaba analizar os mecanismos polos que a mente se comporta de maneira sucesiva, e lle resulta tan difícil comportarse de maneira sincrónica. Poñía o exemplo de catro bólas, dúas grandes e dúas pequenas, e dúas vermellas e dúas brancas, pero con estas cualidades cruzadas, é dicir: unha grande vermella, unha grande branca, unha pequena vermella e unha pequena branca. A mente, dicía Alexander, non ten capacidade para o pensamento simultáneo das catro bólas ligadas ás dúas cualidades, e por máis que as consideracións se poidan aproximar, nunca se irá máis alá da consideración sucesiva das vermellas, das brancas, etc. A misión dun cadro, dunha idea, sofre o mesmo lastre: o que a mirada percibe nun intre, descríbese a mente de forma sucesiva.

Se, entón, o pensamento se comporta dunha forma tan narrativa, un remata tratando de invertir o proceso, preguntándose qué é o exclusivo da literatura. Ocorrémese polo menos dúas dimensións do ser humano: o humor e a mentira. Para expresalas coa plástica é preciso realizar grandes equilibrios formais ou acudir a procedementos literarios. Por outra parte, Erik Satie tratou de compoñer

pezas musicais humorísticas, pero ninguén, que eu saiba, riu nunca escoitándoas (hoxe recordamos as súas *gnosìemes* e as súas *ginnopèdies*). O humor e a mentira, e probablemente máis cousas, son consubstanciais coa natureza pensante e discursiva da literatura.

Miquel de Palol

Preocupacións cara ao milenio

Pronuncio a palabra “milenio” e cando visualizo ao seu lado “Europa”, algo comeza a ir mal, a non ser exacto na frase que intento construír. Se digo milenio, milenios e pronuncio Ur, Exipto, antigüidade greco-latina: *linguas mortas*, todo funciona. Isto débese naturalmente a unha certa concepción da Historia. Para nós, europeos, occidentais e para as nosas linguas, exceptuando o éuscaro –aquí si, aquí si que nos afundimos e perdemos pé na espiral dos milenios– o tempo conta a partir do século V, VI, VIII, X, séculos nos que as diversas materias lingüísticas que nos precederon se fragmentan, se mesturan e á calor das invasións configúran estas, nas que agora falamos. A palabra “milenio” prodúceme un certo temor. Pregúntome se leva implícita algunha defunción; se co paso dos milenios sucederá o bico fatal *holiwudián*, esa fotograma que nos conduce inexorábeis cara á extinción das linguas. Pregúntome se a lingua que eu escollín como literaria e que se abriu nos labios das miñas devanceiras cara ao ano mil cumprirá o seu ciclo nesa trampa que son os finais felices: labios da lingua, labios da lingua nai –esta vez sen dúbida defuntos, sexa o Latín ou calquera das linguas que falasen aqueles que aquí nesta fin da terra habitaron os castros ou construíron as grandes casas para a eternidade megalítica– Labios da miña lingua: defuntos. No reto dos seus *birthdays*: milenios.

Existe unha segunda cuestión, para entrar nela quixera que recordarades o que denominarei “a brutal canción de Margarita”, como sabedes sucede cara ao final da primeira parte do que coñecemos como a traxedia de Fausto, a historia é sobradamente coñecida. Serei moi breve. Penso nas amadas: Ofelia, Beatriz, Laura, Desdémona, Lesvia, Livia, Xulieta. Penso tamén nas nais: Medea, Clítenmentra, María, na fermosura: Helena, Magdalena, na profecía: Casandra. As contas non son xa un saldo senón unha auténtica creba. Desexo escribir e escribir sen ignorar o meu xénero, porque este xénero é a miña diferenza pero non me desexo “eterno feminino” ao precio do cárcere, nin cunha daga atravesándome o peito, non podo nin imaxinarme ¡que horror! como Beatriz entre os coros celestes, pero tampouco Laura, nin Emma, nin Ana Karenina, moito menos ou igual ¿por que non? dama das camelias; tampouco asasinando os meus fillos, sexan de quen sexan, nin eternamente tecendo enigmas que desvanten Tebas, nin destruíndo naves, nin provocando o holocausto final de Troia; nin a Apolo cuspiéndome no ceo da boca para que xamais poida ser entendida. Desexo ser entendida.

Finalmente uns apuntamentos sobre a Lírica, sobre o seu lugar nun sistema literario coma o noso. Quixera falar do suxeito da súa enunciación -hoxe aínda parte da crítica en contradición coas contemporáneas concepcións da linguaxe, algúns

poetas e a gran maioría do público (a lírica teno), segue pensando que este *Eu* non é ficcionábel. É dicir que coincide co do poeta. En consecuencia poeta é aquel ou aquela que nunca se soubo porque ten un “plus”, plus de sensibilidade que lle permite, tampouco sabemos nunca por qué, embriagarse ante a natureza, os sentimentos, as emocións –excursións ao redor dos lagos, se se me permite–. E naturalmente debe comunicar ao resto dos mortais “sen plus” as súas preferencias “para normais”, sen dúbida. Isto para ser fieis á verdade non ocorreu nunca, nin sequera nos anos centrais do Romanticismo. Definiría este suxeito non xa como unha ou calquera das da verbalización, direi que é un límite, un lugar case baleiro, en todo caso sempre a-figurativo ou a-representativo da linguaxe e que dende aquí constrúe un proceso de verdade na lingua, de apertura cara ao sensíbel. Negarlle esta capacidade de ficcionalidade e de construción é negarlle á lingua o proceso de verdade que desfeticiza as palabras. De aí que este *Eu* poida viaxar cara a múltiples países, cara ao país dos oráculos sen chegar a ser oracular e sen deixar de ser lírico -hoxe en día son imposíbeis os oráculos; cara ao país da epopeia sen Ulises, é dicir sen Itaca, sen retorno feliz cara á ningunha terra natal, e claro está sen algo “doméstico” como os teares de Penélope; cara ao país dos conceptos sen que se lle ocorra a tentación dun sistema ¡horror dos horrores! e como non, tamén cara ao país da cultura de masas, é dicir dos sub-xéneros literarios. Diría que este suxeito é unha especie de oitavo pasaxeiro da lingua, estranxeiro polo tanto a toda clase de patrias, pero nunca alleo ao que é politicamente humano.

Por iso, titulei estas “miñas preocupacións cara ao milenio”. Aquí na ría ancestral das miñas devanceiras con este verso remato:

Ofelia, alien, pasaxeira das estrelas

Chus Pato

Querido forzado

Hai a penas un par de días, nunha desas cadeas de televisión que tanto proliferaron na actualidade, un amigo e máis eu vimos casualmente mentres tomabamos unha cervexa unha singular competición de levantamento de peso. Homes enormes, suorentos, coa cabeza rapada, e eses corpos desmesurados, lentos, dos grandes mamíferos, competían entre eles, nunha atmosfera de verdade estraña. Porque non se trata de soste pedras, grandes troncos, ou esas bólas de ferro que alimentaban as bocas dos canóns, senón grandes bolsas, que despois deberían manter a pulso, cos brazos en cruz, o maior tempo posíbel. A proba estaba financiada por unha célebre marca de electrodomésticos, cun nome que non se limitaba a aparecer nun lugar moi visíbel do escenario, senón que o facía nas mesmas bolsas que aqueles homazos tiñan que soste, como se á fin a proba só consistise niso, en facer visíbel o nome daquela marca da que todo, a organización mesma, a retransmisión, a orde dos días e das noites, parecía depender (o que, e para que non quedara dúbida algunha, se facía de todo patente na proba estrela da noite, na que as bolsas se substituían por dous flamantes televisores).

O espectáculo indignou ao meu amigo, que é un home polo xeral apacíbel e cortés, pero que cada vez con máis frecuencia sofre eses ataques repentinos de cólera. De forma que se puxo a baduar contra participantes, organizadores, a marca que os promocionaba e de paso, contra a modernidade mesma, que fai que espectáculos así se poidan integrar sen maiores problemas neste fondo de desolación e inanidade que segundo el é o mundo que nos tocou vivir neste século que remata. Eu, co meu proverbial optimismo, atrevínme a contradicilo timidamente. E sen embargo, díxenlle, trátase dun espectáculo de forzudos. E recordeille cando eramos pequenos, e espectáculos así se anunciaban nas feiras ou nos circos que íamos ver. Homes enormes, moitas veces provistos de grandes barbas, vestidos con peles de leopardos, que torcían barras de ferro, partían cadeiras coa cabeza, ou se facían encadear para ao momento seguinte, romper as cadeas coa forza simple do seu tórax cheo. Eu vinlle levantar a un deles un cabalo, coa súa domadora encima; e nunha ocasión máis memorábel aínda, unha gran mesa, na que previamente aquel home descomunal fixera subir a varias persoas do público. Entre as que estaba unha amiga miña, que nunca me pareceu máis divertida e guapa que cando estivo alí arriba, no medio do escenario iluminado, sostida por unhas costas que eu desexaría que fosen miñas (naqueles tempos os adolescentes aínda tiñamos respecto ás novas fantasías así). Unha auténtica marabilla, que aínda agora lembro cheo de melancolía e perversidade.

Pero o meu amigo tiña razón, e estaba claro que non era o mesmo. Pois se ben é certo que o espectáculo das televisións era unha escena de forzudos, non o é menos que se trataba dun auténtico desastre que pouco ou nada tiña que ver co que nós lembrabamos. Porque non é que un forzudo non poida cargar televisores, ou electrodomésticos, senón que debe facelo por algo que nos concirna. Iso era ser un forzudo, alguén dotado dunha forza superior á do resto dos mortais, que se vía obrigado a intervir en acontecementos nos que o destino da súa comunidade estaba en xogo. Ou dito doutra forma, a forza, naqueles tempos, estaba investida de honor. E cando víamos o forzudo pensabamos en estrañas apostas, en buscas impostergábeis, en tarefas desmesuradas que este home tiña que cumprir como fose. ¿Quen é? preguntabámonos. ¿Por que estaba nun circo, paseando a súa escura, a súa feroz melancolía polos currunchos máis olvidados do mundo? Esas eran algunhas das preguntas que non podíamos deixar de facernos, de forma que asistir á actuación dun deles, non era só contemplar a pericia do seu executante, senón preguntarse pola súa vida, polas estrañas circunstancias que o levaran a ter que refuxiarse nun lugar así, e pasar os últimos anos da súa vida lonxe da súa familia e do seu pobo. Por iso dixen que se trata dunha escena de honor. E quero que se entenda esta palabra da forma en que Sánchez Ferlosio alude a ela, para explicar o conflito de Lord Jim, o protagonista da novela de Conrad. “O sentimento do honor perdido, escribe Ferlosio, non é un conflito psicolóxico. O honor é unha relación de lealdade cos demais”. De forma que o deshonor non é tanto “fallarse a un mesmo” senón “ter fallado aos demais”. E esa era a impresión que nos producían estes homes descomunais. Alguén que fallara aos demais e que ao contrario do que facía o resto dos mortais, que non era outra cousa que ignorar a súa indignidade, agora estaba purgando a súa falta. Que era, en suma, o que lle pasaba a Sansón cando destruía o templo sobre as cabezas dos filisteos; ou no que se empeña Hércules nos seus célebres traballos. E calquera neno do meu tempo sabía con naturalidade meridiana quen era Sansón, ou Hércules. E sabíámolo porque aínda vivíamos inmersos nunha cultura do relato, que non sei se se

perdeu no noso tempo, pero que obviamente está ameazada. E por iso a min me parece tan importante a literatura: se aínda ten unha tarefa que cumprir nesa fin de milenio esta non pode ser outra que renovar ese humus que, como o humus do bosque, é o verdadeiro alimento da nosa imaxinación. Ese humus que é o único que nos pode facer ver que o forzado non é un simple bruto, última peza da cadea de vendas das multinacionais, senón alguén parecido a un mensaxeiro, a un portador. Alguén que ao chegar a nós se pon en comunicación con outros anhelos, outras vidas, outras dores, sen os que a nosa propia vida quedaría empobrecida. Basta velo así, para que esa escena quede dignificada, e poidamos sentir no esforzo que realiza contra a materia cega, a promesa da nosa salvación. Porque o forzado loitaba pola salvación dos homes, e a súa tarefa non era outra que poñer ao noso servizo ese excedente de forza que se rebela contra o olvido e nos devolve a vella imaxe do honor.

Isak Dinesen afirmou unha vez que na súa opinión só había dous pensamentos que merecesen a pena: ¿Que vou facer no momento seguinte? e ¿por que Deus creou os ríos, as montañas, o viño, os cabalos, os paxaros? Se cadra contestar ao primeiro non precisa do concurso da literatura, aínda que non estou moi seguro; si que enfrontarse ao segundo non pode facerse sen a súa axuda. E faremos ben en preguntarnos se de verdade merece a pena un mundo no que xa ninguén se formule unha pregunta así, e no que os forzados terminen por converterse en meros empregados da sección de marketing das multinacionais.

Gustavo Martín Garzo